
GEOGRAFIA URBANA.

RUA DA CONSOLAÇÃO, UMA DAS ARTÉRIAS DA CAPITAL PAULISTA

JOSÉ DOMINGOS TÍRICO

O campo da Geografia Urbana é extremamente vasto e, dentro d'êlo, um dos setôres menos explorados até aqui, entre nós, tem sido o estudo geográfico das artérias de nossas grandes cidades. Daí o interesse da presente análise geográfica de uma tradicional artéria da cidade de São Paulo — a Rua da Consolação, de autoria do Prof. JOSÉ DOMINGOS TÍRICO, sócio cooperador da A.G.B. e professor de Geografia Regional na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas.

Dentro da trama urbana da capital bandeirante, bem poucas são as ruas que, através de suas paisagens e de seu traçado, nos permitem acompanhar uma boa parte de sua história e da sua evolução. O fato, inegavelmente, é produto do extraordinário crescimento da Metrópole tentacular, cujos bairros e ruas foram surgindo ao sabor das próprias circunstâncias desse crescimento, sem traçado prévio, sem dar tempo a arranjos harmonizadores, sem, mesmo, que os construtores da cidade se apercebessem que estavam criando um monstro de urbanismo. Somente bairros de criação mais recente, bairros periféricos, frutos da especulação imobiliária, surgem com estrutura definida, quer tendendo para a lombricóide, quer para o retilíneo e anguloso, característico do tabuleiro de xadrês.

Por outro lado, ruas antes essenciais e primitivas perderam grande parte da sua importância, quando não desapareceram completamente; outras, menos próximas do núcleo inicial, sofreram transformações radicais em seu aspecto, função e importância.

A Rua da Consolação apresenta um processo evolutivo em seus diversos setôres, processo êsse que se realizou simultaneamente com o crescimento da cidade; o *caminho da vila* passou a *rua* da pequena cidade oitocentista e, depois, *artéria* da cidade grande, sem perder, em essência, a grande função de penetração e acesso econômico com que principiara.

O trabalho que ora apresentamos é uma tentativa de fixar os fatores que presidiram a êsse crescimento, bem como analisar as

causas da aquisição das funções hoje apresentadas pela tradicional artéria paulistana.

A rua e o bairro da Consolação. — Acompanhando longitudinalmente a rua, o bairro da Consolação se dispõe “grosso modo” no sentido SW-NE, a partir da zona Oeste do núcleo central da cidade. Limitá-lo, entretanto, não é tarefa fácil, já porque questões de limites em qualquer circunstância sempre dão margem a controvérsias, já porque em matéria de bairros, principalmente pela minúcia dos detalhes, quase nunca os limites oficiais, administrativamente impostos, correspondem à realidade.

Oficialmente, o *sub-distrito* da Consolação começa na confluência da Rua da Consolação com a São Luís e termina na Avenida Paulista. Do lado sul, limita-o, inicialmente, a Rua Martins Fontes e depois, a Rua Augusta, enquanto, do lado norte, a própria Rua da Consolação é o limite no início, surgindo depois a Avenida Angélica a limitá-lo até a Avenida Paulista. Isso quer dizer que a rua transcende as lindes do bairro: a parte inicial, até a Rua São Luís, pertence ainda ao sub-distrito da Sé, enquanto que o trecho da Avenida Paulista em diante pertence ao bairro de Cerqueira César.

Os bairros que cercam o da Consolação, mais de perto são: Santa Cecília ao N, a Sé a E, Higienópolis e Vila Buarque a NE, Bela Vista a SE e Cerqueira César a SW.

Entretanto, na prática, funcionalmente, êsses limites se vêm bastante alargados em virtude da influência exercida pela Rua da Consolação, que serve de eixo e dorsal ao bairro. Não se compreendem, por exemplo, os chamados bairros de Higienópolis e Vila Buarque, sem a Rua da Consolação. Nem um, nem outro fogem às características próprias ao *bairro* da Consolação; ambos dependem e estão firmemente prêsos à rua e ao bairro, não só funcionalmente, como por tradição. Vila Buarque, Higienópolis, Arouche sempre foram chácaras, cuja testada se voltavam para a principal rota, o principal ponto de atração, que era o antigo “caminho do Mata Fome”. É dessa grande via e dos benefícios do bairro em geral que vivem os que habitam em Vila Buarque ou Higienópolis. Sente-se isso, por exemplo, por ocasião de alguma festa religiosa, como também, mais a miude, nas missas dominicais: estão todos lá incorporando-se à vida do “bairro”, orando nos altares da Igreja da Consolação. São também os moradores daqueles bairros que tomam parte ativa nas procissões que ali se realizam. Por outro lado, é ali que se abastecem os habitantes de Vila Buarque e Higienópolis; todos vão às feiras bi-semanais que se realizam em tórno da Igreja.

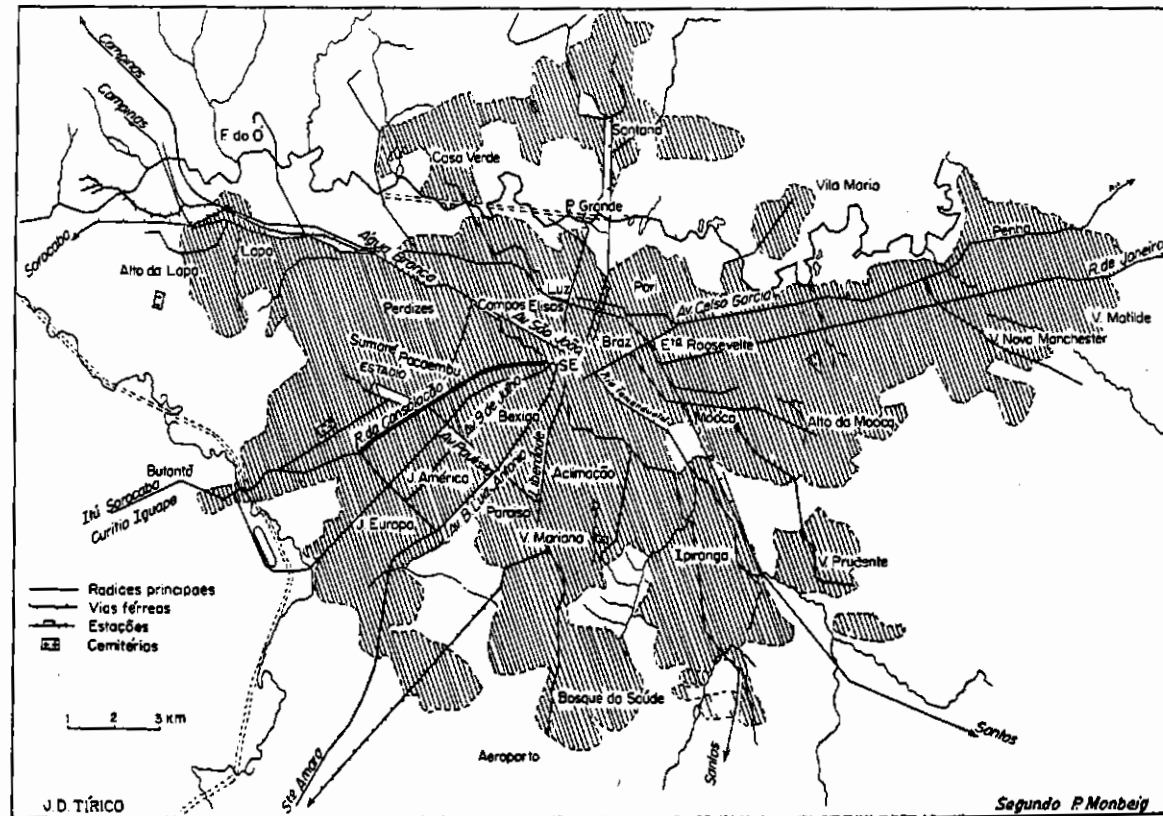


FIG. 1 — Dentro do aglomerado paulistano, hoje trilionário, a *Rua da Consolação* destaca-se como uma das principais artérias e importante via de acesso para o interior do Estado e para o Sul do pa.s.

O mesmo pode-se dizer de toda a parte da Bela Vista que confina com o bairro da Consolação: aí também é tudo muito mais Consolação do que Bela Vista.

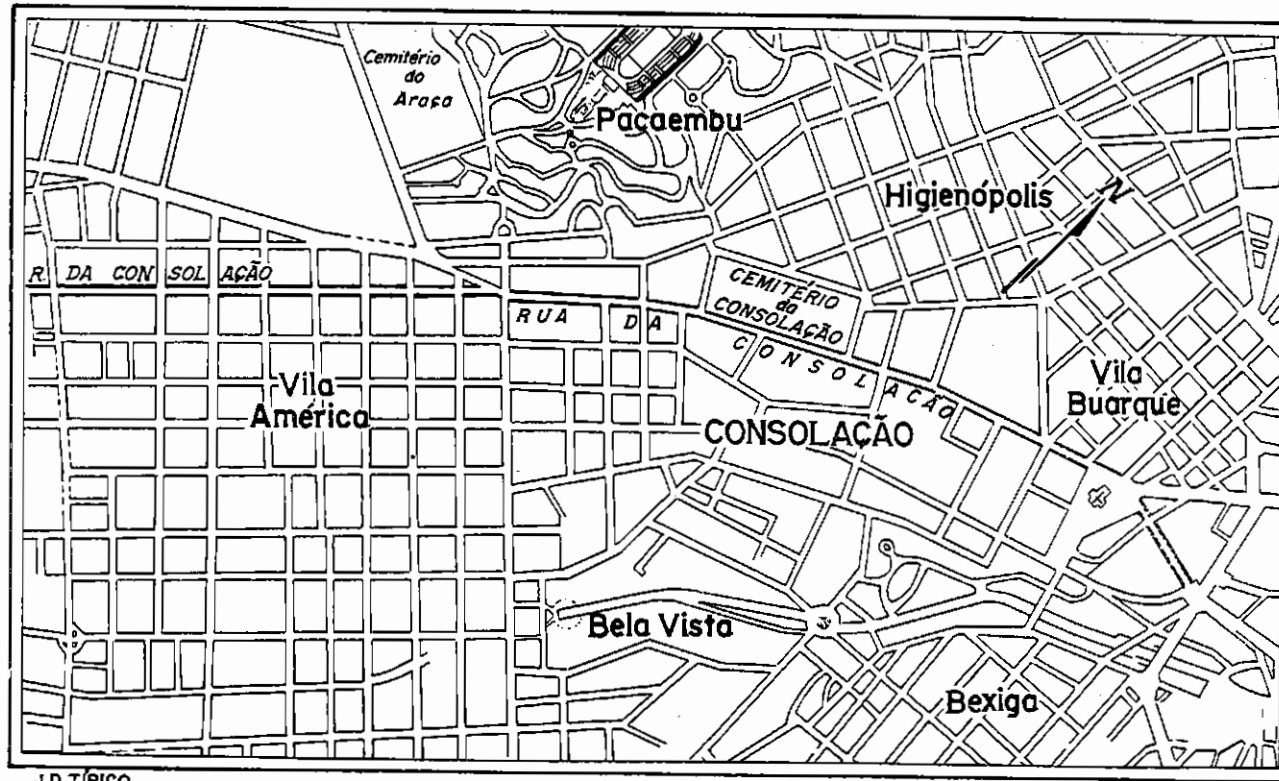
Essa imprecisão de limites, essa interferência grande e influência inegável exercida pelo bairro em áreas que oficialmente não lhe pertencem, são devidas talvez ao caráter de transição que lhe empresta sua própria localização. O bairro da Consolação, como os da Liberdade, Santa Cecília, Bela Vista, por exemplo, são áreas que enquadram o centro da cidade e têm um caráter de tradição e passagem para bairros semi-periféricos, como Jardim América, Jardim Paulista, Pinheiros, Vila Madalena, Perdizes etc. Dessa forma, nos limites desses bairros deve existir uma zona de atração que faz com que o de maiores possibilidades e vantagens chame a si, para sua vida, uma área que pertence a outro. Em resumo, o que tiver características mais fortes e diversificadas acaba por predominar. É exatamente isso que acontece com o bairro da Consolação: domina áreas de outros bairros em sua periferia, pelo seu poder de atração bem mais acentuado, pela sua vida bairristica mais firme e bem caracterizada. O preço disso tudo, entretanto, foi uma indiscutível proletarização do bairro.

Ainda uma função, adquirida nos tempos em que a rua era apenas caminho, é a rota preferencial para acesso a zonas do interior, como Sorocaba e Itu. O fato proporciona, à rua e ao bairro, características especiais, fazendo com que sua população eventual e flutuante tenha aqueles foros de heterogeneidade que caracterizam as áreas cosmopolitas. É, assim, a rua um corredor aberto a influências que vêm do centro ou da periferia, irradiando-as para outras ruas do bairro.

Fruto ainda da posição de *transição* e *passagem*, aparece na Consolação uma zona de deteriorização, que se situa mais próxima ao Centro, o que naturalmente tem reflexos nas ruas circunjacentes.

Talvez pelas características de *passagem*, que a obriga a ser uma rua "tem de tudo" — no dizer popular, aliando uma importante função comercial abastecedora, à de *caminho, via, acesso, radial mestra*, enfim, é que a rua da Consolação pode dar tantos elementos de atração a seu bairro e zonas que lhe são periféricas.

Liberdade, Bela Vista, Consolação, Santa Cecília, Santa Ifigênia, bairros que rodeiam mais proximamente a Sé, têm todos uma função residencial aliada a uma função comercial, em maior ou menor dose. Isso determina, principalmente para linhas mestras como Rua da Consolação, Avenida Brigadeiro Luís Antônio, Avenida Angélica, Avenida São João, Rua das Palmeiras e Sebastião Pereira, graus variados de deteriorização, mas sempre *deteriorização*, esten-



J.D. TÍRICO

FIG. 2 — A Rua da Consolação une o Centro e sua área periférica a numerosos bairros situados a Oeste e a Sudoeste da cidade de São Paulo.

dendo-se o fenômeno por ruas transversais que compõem os bairros. Daí, um cinturão deteriorado que envolve o centro propriamente dito. A Rua da Consolação e seu bairro apresentam áreas inteiras nesse estado, resultante da invasão comercial e outros misteres mais próprios do centro, com conseqüente recuo da função residencial estritamente familiar. Esta, para o caso da Rua da Consolação, só se faz de maneira predominante depois da Avenida Paulista.

Assim, o papel da rua para o bairro e para a cidade tem aquela mesma função de dorsal, viga-mestra, ponto de atração e de referência, que fazem de uma avenida São João e de uma avenida Brigadeiro Luís Antônio, grandes radiais de São Paulo, tendo ainda uma tradição de 400 anos que lhe empresta a origem.

Como outros bairros, com as mesmas características acima citadas, o da Consolação, bem como sua rua mestra, abrigam uma população de classe média para baixo, tendo só por exceção, em pontos mais afastados, um pequeno contingente de melhores possibilidades. É, pois, o reduto de uma população laboriosa, com todas as boas decorrências disso para a cidade, a par dos maus efeitos que o cinturão deteriorado acarreta.

Rampas e patamares das colinas da Consolação. — Localizada na parte Oeste da cidade, a Rua da Consolação tem em seu início um sentido grosseiramente leste-oeste, infletindo-se depois francamente para SW, em direção ao bairro dos Pinheiros.

Nesse percurso, em que flanqueia as duas encostas do espigão da Avenida Paulista, a rua funciona como um pequeno interflúvio de dois antigos e desaparecidos ribeirões — o Arouche e o Saracura Grande. Até 1800 existiria, sobre o interflúvio, uma zona de matas que tanto poderiam ser secundárias, como ciliares, seguindo o curso dos ribeirões.

Esta sua posição, dentro do sítio da cidade, tem uma enorme importância, pois permitiu uma ligação entre o antigo Largo do Piques (dentro do Vale do Anhangabau) com as proximidades da várzea do Rio Pinheiros, não sem antes ter vencido o espigão da Avenida Paulista. O Largo do Piques, como se sabe, era ponto de chegada de tropas vindas do interior, ponto de redistribuição de mercadorias para destinos diversos, local quase obrigatório de passagem dos viajores de antanho.

Delinea-se, assim, desde o início, a importância da rua como via de penetração para a cidade, adquirindo desde há muito uma função econômica que não mais perderia, mercê de sua situação. Na atualidade, a artéria reforçou ainda mais aquela função pela possibilidade de ligação que oferece com outros bairros como Vila

Esquema

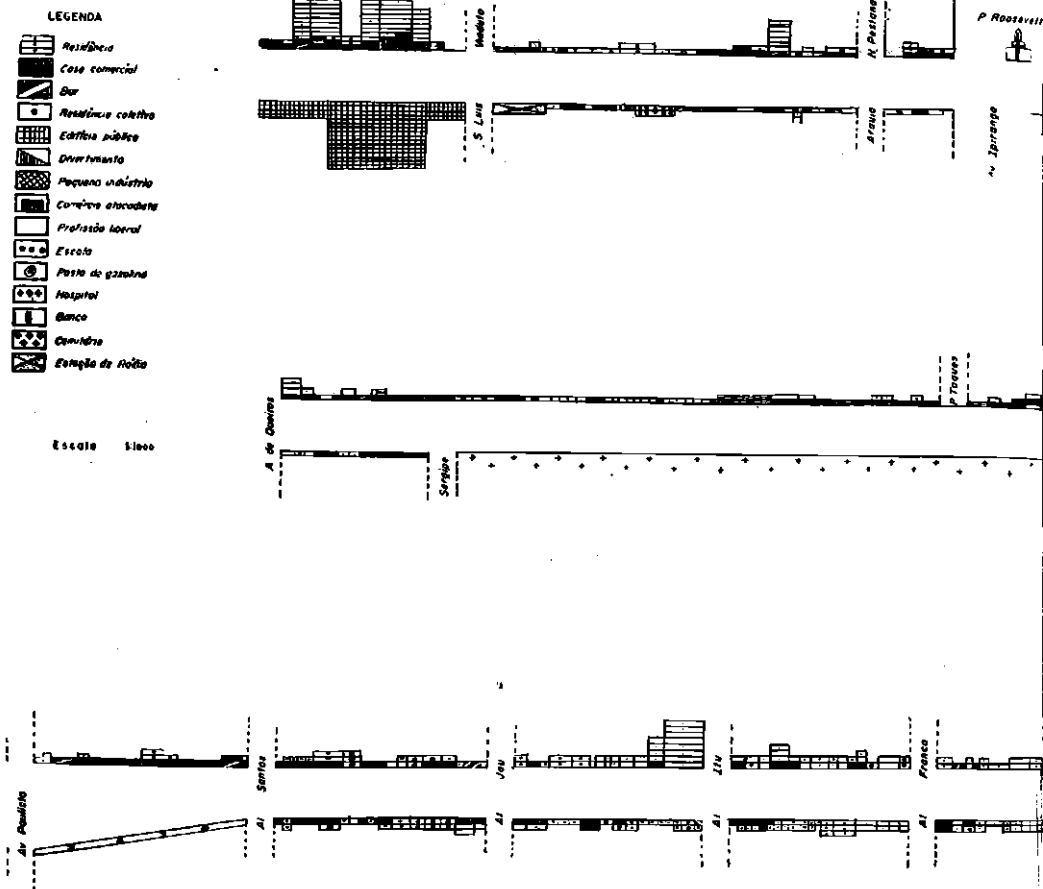


FIG. 3 — Planta funcional da Rua da Consolação, com indicação dos principais elementos que caracterizam suas diferentes parcelas, desde o Centro até a Rua dos Estados Unidos (Jardim América).

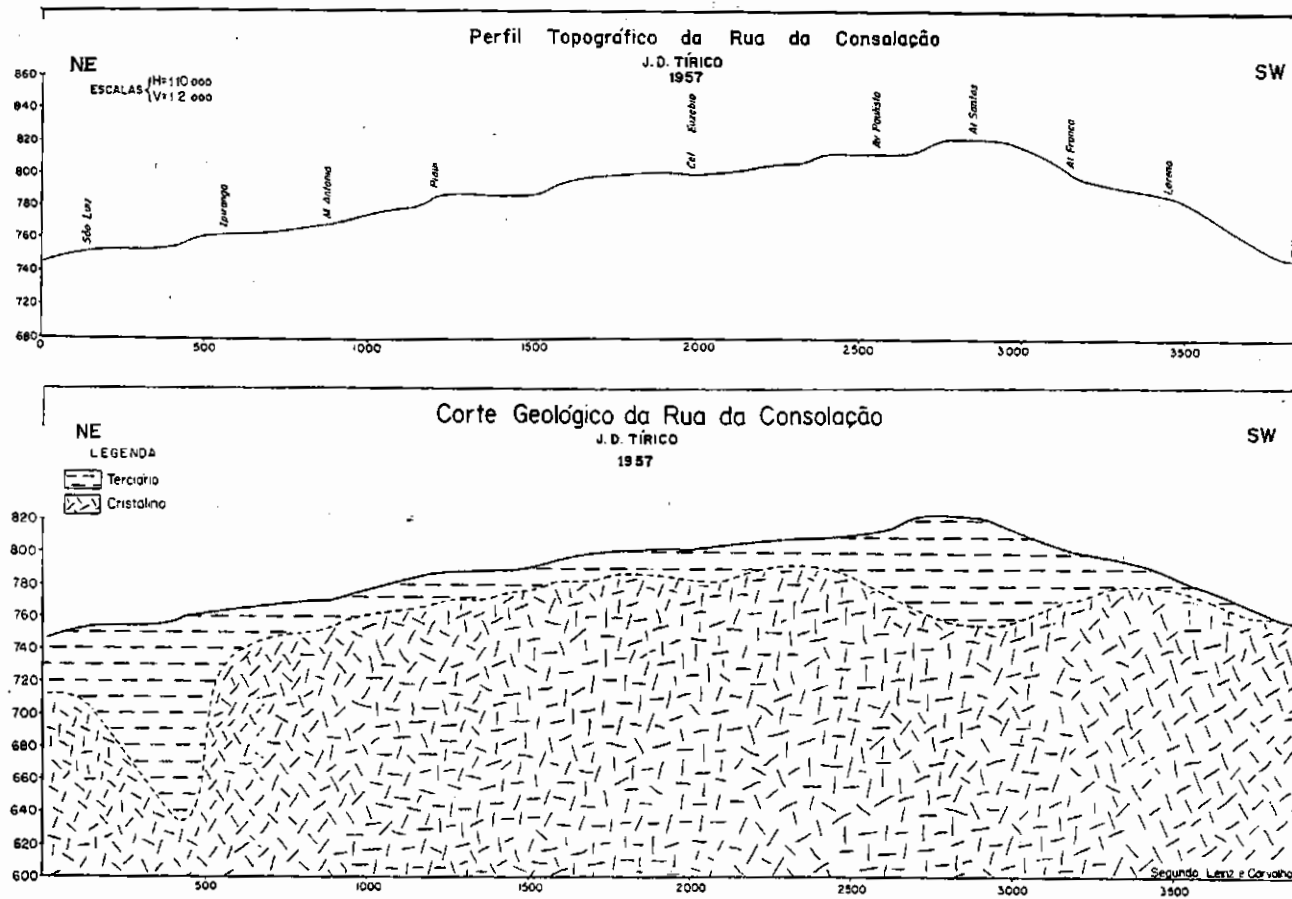


FIG. 4 — Perfil topográfico e correspondente estrutura geológica da Rua da Consolação, desde seu trecho inicial (junto ao Centro) até o bairro do Jardim América, vendo-se nitidamente o Espigão Central da Cidade.

Buarque, Pacaembú, Higienópolis, Cerqueira César, Pinheiros, Jardim América, apenas para citar alguns.

Fruto de sua localização, no sistema de colinas paulistanas, a Rua da Consolação não pode fugir aos moldes estruturais da *bacia de São Paulo*. Assim é que apresenta também seus sedimentos terciários areno-argilosos, assentados diretamente sobre o cristalino.

Embora de fácil apreciação em conjunto, não nos foi possível evitar certas falhas na construção de um perfil geológico da rua, que afinal representa um detalhe do conjunto da bacia. Essa possibilidade de erro existe, em função principalmente de não haver sondagens, poços e análises numericamente suficientes do subsolo, o que nos obrigou, muitas vezes, a interpolar sem a necessária dose de certeza; em segundo lugar, a zona de decomposição do cristalino não é pequena e é de fácil confusão com os sedimentos superpostos, o que facilita muito erros de observação e dificulta análise mais perfeita.

Segundo observaram LEINZ e CARVALHO (1957) a topografia do embasamento parece ter sido bem mais movimentada no passado; dos desníveis pretéritos ainda há vestígios, hoje, que proporcionam discrepâncias entre a topografia do embasamento e a topografia sedimentar. Esse fato, observado para o conjunto da bacia, é válido pelo menos em dois trechos para a Rua da Consolação. De uma feita, observamos um brusco desnível do embasamento da rua, que provoca um desvão preenchido por mais de 120m de sedimentos; o fato se observa nos primeiros 500m da Rua da Consolação, cuja topografia de superfície acha-se em ascensão altimétrica. Numa segunda oportunidade, o embasamento retrai-se menos bruscamente, mas com bastante nitidez, de aproximadamente 80 m; o fato ocorre justamente quando a topografia de superfície assinala o ponto alto do espigão da Avenida Paulista.

No mais, segundo as perfurações feitas, a cobertura sedimentar da colina da Consolação tem espessura média entre 25-30 metros, sem interferência da camada de decomposição; as camadas argilo-arenosas, que a constituem, apresentam poucos leitos conglomeráticos e, ao que tudo indica, os depósitos em geral possuem uma forma lenticular, oriundos da deposição em ambiente flúvio-lacustre, em condições especiais.

Para quem examina um perfil da Rua da Consolação, fato que salta logo aos olhos é a assimetria topográfica que apresenta. Duas são as maneiras pelas quais a rua flanqueia o Espigão Central: de um lado, a partir do centro da cidade, o que se nota é uma série de rampas e patamares, cujos lances se sucedem até a Avenida Paulista; desse ponto em diante, a rua perde altitude em direção à várzea do Pinheiros, por meio de uma única e longa rampa de mais

de um quilômetro, que se debruça, enfim, sobre a Rua Estados Unidos.

As rampas apresentam, em alguns casos (como a do Cemitério e a rampa da Rua Maria Antônia), uma declividade bastante grande, não só pela continuidade de subida, como também pelo acréscimo altimétrico. No primeiro caso, há um acréscimo de dez metros em altitude no trecho que vai da Rua Sergipe (790) à rua Coronel José Eusébio (rampa do Cemitério); no segundo, é mais nítido ainda o desnível, pois da Rua Maria Antônia (770) à Rua Piauí (783), a elevação é de 13 m (rampa da Rua Maria Antônia). Separa-a um patamar relativamente curto, tendo pouco mais ou menos 350 m. É preciso frisar que a denominação *patamares* não significa, em absoluto, estabilização de altitude naqueles trechos, mas quer significar, tão somente, um acréscimo altimétrico bem menor e, às vezes, até desprezível em face dos desníveis apresentados pelas *rampas*.

As *rampas* e os *patamares* que se sucedem, alternadamente, são pela ordem, do comêço da rua ao tôpo do espigão, os seguintes: 1) Rampa da Biblioteca; 2) Patamar dos Judeus; 3) Rampa da Rua Maria Antônia; 4) Patamar do Grupo; 5) Rampa do Cemitério; 6) Patamar do Cinema. Tal sucessão nos tenta até a nivelar a rua da Consolação por intermédio dos patamares; dessa forma, nêsse primeiro trecho da rua, que vai até à Avenida Paulista, poderíamos reconhecer 3 níveis: o primeiro, representado pelo *Patamar dos Judeus*, cuja altitude média seria de 765 m; o segundo, representado pelo *Patamar do Grupo*, cuja altitude média seria de 785 m; e o terceiro, representado pelo *Patamar do Cinema*, até o tôpo do Espigão Central, cuja altitude média seria 815-820 m.

É preciso notar, ainda, que a cota mais alta da rua não a encontramos na confluência com Avenida Paulista, pois aí o espigão está ainda em ascensão altimétrica, gradativa, em direção à Praça Oswaldo Cruz. A cota maior, 820 m, encontrâmo-la na confluência com a Alamêda Jaú. Esse é também o ponto que marca o início da quilométrica rampa, que só termina no fim da rua, na confluência com a Rua Estados Unidos.

Para o outro lado do Espigão Central, a descaída altimétrica não sofre solução de continuidade. Não há rampas e patamares que marquem os momentos de maior declividade. As altitudes passam de 815 na Alamêda Jaú, para 785 na Alamêda Franca, 765 na Rua Oscar Freire e terminam com a cota de 749 m na confluência com a Rua Estados Unidos.

Estas últimas cotas dão-nos ensejo de verificar que o patamar inicial ou "nível" da Consolação, em seu primeiro trecho, encontra

correspondência do outro lado do Espigão, já que ali a altitude mais baixa é de 749 m (com que a rua termina).

Origens e evolução de uma radial paulistana. — Isolada nos seus campos planaltinos, a vida quinhentista paulistana limitou-se a umas poucas relações com o litoral vicentino, além das internas, em torno do agrupamento jesuítico. Nem ruas, nem traçado regular marcam a vida do aldeamento.

Entretanto, no século seguinte, começaram a aparecer edificações de caráter mais perene, como o Paço Municipal em 1627, além da Igreja, cadeia e pelourinho, dentre os órgãos oficiais. Em torno disso, moradias sem alinhamento. Na segunda metade do século XVII, quando S. Paulo foi elevado a cabeça da capitania de São Vicente, já não temos mais vestígios da paliçada antiga que rodeava o aglomerado. Na área restrita, entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, os principais arruamentos se desenham no atual "Triângulo" e adjacências, quase como hoje, em suas disposições gerais. Havia, então, as ruas São Bento, Direita, Manuel Pais de Linhares (Rosário), do Carmo, Tabatinguera, dando para o Tamanduateí, e a da Boa Vista (cujo nome é bastante sugestivo) e a de Pôrto Geral, completadas pela Rua da Quitanda e os Largos da Sé, São Francisco e São Bento.

Dentro desta paisagem seiscentista, com pruridos de urbanização, a economia girava, pela falta quase absoluta da moeda, em torno da troca pura e simples. Inclusive os misteres artesanais de pequena vila eram pagos "in natura", só recebendo moeda os possuidores de altos cargos e uns poucos comerciantes bastante enriquecidos, que estendiam sua atividade para longe dos limites da cidade: interior e litoral.

Êsses bens de troca, segundo os velhos cronistas (como PEDRO TAQUES e FREI VICENTE DO SALVADOR), constavam de trigo, vinha, cana de açúcar, mandioca, marmelada e pecuária, donde derivava a carne-verde e o couro. Não raro, êsses produtos eram objeto de uma industrialização, que completava o quadro econômico da primitiva vila.

Tôda a atividade agro-pecuária e industrial, incipiente é verdade, mas na pior das hipóteses servindo em muito os interesses da pequena vila, se fazia ao redor das primitivas ruas, onde hoje se desenvolvem bairros como os da Consolação, Vila Buarque, Casa Verde, Bom Retiro, etc.

Partindo dos vértices do primitivo Triângulo, nos séculos XVII e XVIII apareceram *caminhos* que facilitavam o acesso em quase todas as direções. Para o Sul, havia o caminho de Santo Amaro

e o do Ipiranga ou do Mar, e para Oeste o de Pinheiros, que levava ao interior, aliás os mais importantes. Sobre este último, em 1687 tomaram-se medidas para a construção da ponte sobre o rio Pinheiros, para a qual deveriam contribuir com quotas as câmaras mais interessadas, que eram as de Parnaíba, Itu e Sorocaba. Por aí chegava um outro produto, que demandaria as minas, vindo da feira de Sorocaba: o luar.

Parte desse caminho representava, então, o que temos hoje como a Rua da Consolação. Como outras, fora do Centro e adjacências, sua existência era apenas marcada por um tortuoso caminho que, às vezes, aparece sem denominação, caminho cortando chácaras e fazendas paulistanas, fontes da antiga economia agro-pecuária. A direita da rua, que seria depois a Rua Direita, era a do caminho que descendo a encosta da elevação para o lado do Piques e subindo depois os campos e matas em direção à aldeia de Pinheiros representava, já em fins do século XVI, o principal rumo do sertão.

Assim, a Rua da Consolação, desde o primeiro século, já tinha papel importante na vida da cidade, como escoadouro econômico. Ligava o primitivo núcleo com Pinheiros e o interior, através do Largo do Piques, atravessando o Anhangabaú, sobre a antiga e rústica ponte do Lorena.

Até por volta da proclamação da República, a Rua da Consolação funcionou como caminho, para onde iam produtos chegados de Santos, de onde vinha o café, que começava a despontar como mola mestra desde os meados do século passado. Como expressão urbana, a Rua da Consolação não ia além do pequenino largo da Igreja. Segundo nos conta D'ALINCOURT que, viajando em 1818, atravessou a ponte do Lorena e entrou na cidade, "por longa rua que subia pelo Piques até atingir a ermida de Nossa Senhora da Consolação, acabando aí a cidade onde começava a estrada de Sorocaba e Itu".

Devido ao acréscimo de algumas ruas mais, paralelas ou perpendiculares aos lados do Triângulo central, houve necessidade de aumentar o potencial de abastecimento d'água. A crônica deixa bem claro que o caminho da canalização para o centro era o da Consolação: "O canal começava no Tanque Reúno e descia, beirando o caminho do Piques (Consolação), a Rua do Paredão (Xavier de Toledo), atingindo assim o centro". Justamente como reflexo de sua condição de passagem, a rua começou a ter, em 1830, assomos de vida própria. O fato se tornou mais patente quando a autoridade municipal, naquele ano, colocou um portão próximo à ponte do Acu sobre o Tamanduateí, que separava o campo da cidade. Desta forma, bair-

ros como o de Santa Ifigênia, Santa Cecília e o próprio bairro da Consolação ficaram compondo o "campo".

À custa dessa vida própria, a Rua da Consolação começa a ter importância. Em 1858, inaugurou-se o cemitério. Nas chácaras que ladeavam a futura rua, formava-se a "procissão do Divino", que descia para o Centro. Pela mesma época, um regulamento municipal dava como limite urbano para os lados da Consolação a chácara de Hermenegildo José dos Santos, cuja testada ficava entre a atual Rua São Luís e a Rua Nestor Pestana. E, em 1873, os edis paulistanos aprovaram um pedido de iluminação a gás para a Rua da Consolação, fato que nos permite avaliar seu grau de urbanização na época.

Destá forma, acompanhando sempre uma linha ascensional de progresso, aparece na Rua da Consolação, em 1877, a primeira linha de *bondes a burro*, montada pela "Companhia Carris de Ferro". Logo no ano seguinte, antecedendo a urbanização, foi construído pela "Companhia Cantareira" um reservatório d'água, existente até hoje, no qual podemos ver o portão todo de ferro trabalhado, em frente à Rua Piauí. Além disso, acrescentaram-se, à primitiva função da rua, outras que explicam em parte a diversificação atual: em 1880, JÚNIUS, em suas "Notas de Viagem", assinalava certas diferenças funcionais, dividindo a rua em duas zonas: numa mais afastada do centro, "casas acanhadas, sombrias, quase sempre térreas, sem lojas de modas nem alfaiates ou cabelereiros famosos, com moradores melancólicos de hábitos e costumes antigos, que não iam ao teatro e deitavam-se às 8 horas da noite"; na outra, prossegue o viajante, "casas alegres, construídas de acôrdo com o gôsto mais moderno, exibiam-se casas de modas, hotéis e restaurantes excelentes, e seus moradores se divertiam passeando, frequentando cafés e confeitarias, comprando jornais da terra ou de fora".

Em 1884, os limites da área habitada na cidade não passavam do Largo do Arouche, do Largo dos Guaianases e mal tocavam no Convento da Luz, na Estação do Norte, na curva final da Rua da Glória e estacavam na Rua Riachuelo, por trás da Academia de Direito, e na Igreja da Consolação, em frente ao último ponto de bonde. A Rua da Consolação terminava não muito adiante da Igreja como expressão urbana e o cemitério ficava no "fim do mundo", no dizer de VALIM P. DE SOUZA, na beira da estrada para Sorocaba, ladeado por capinzais e vacarias.

Já próximo à República, todos os donos de chácaras nos bairros de Santa Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Consolação, Liberdade, Cambuci mandaram abrir, em suas terras, ruas, alamêdas, avenidas e praças. A chácara de Martinho da Silva Prado, na Rua da Consola-



FIG. 5 — Este estrato da planta da "Empresa Sara Brasil", de 1930, dá-nos idéia das modificações sofridas pela Rua da Consolação. No lugar da rua, hoje existe o Viaduto Major Quedinho; o ponto do contato entre este, a Rua da Consolação e a Rua São Luís acha-se, hoje, bastante alargado, a ponto de formar uma praça.

ção, deu lugar a numerosas ruas do bairro; a sede da chácara ficava pegado à Igreja, até há bem pouco tempo. A chácara de D. Veridiana Prado, também na Rua da Consolação, cedeu lugar aos reclamos da urbanização e sua sede foi transformada no Seminário das Educandas, hoje desaparecido.

Cresceu, assim, a rua no último decênio do século passado, incorporando até mesmo as terras ribeirinhas dos pequenos cursos que desciam a ladeira, como as do córrego da Traição. Em 1895, ANTÔNIO PRADO nivelou suas terras na Consolação para dar lugar a um velódromo, com uma raia de 350 x 8 m, com arquibancada para 800 espectadores e mais quadra de tennis e tanque para banho, criando a célula-máter do atletismo em São Paulo.

As residências médias ou burguesas, que até então se confundiam com o centro comercial, destacaram-se quando o crescimento da atividade urbana já não mais comportava moradias no núcleo central. Um dos lados de expansão da burguesia foi a Rua da Consolação, onde as casas mais suntuosas apareceriam com cavalariças para servir aos seus coches e tilburis. O Solar do Ramalho é um exemplo disso; hoje acha-se transformado em garagem (em frente ao "Mapps").

Toda essa progressiva evolução fez com que a rua não mais parasse de acrescentar novas funções ao seu acervo. Assim é que, nos últimos anos do século passado e primeiros deste, começaram a aparecer vários "ateliers" e pequenas fábricas (como cita ERNANI DA S. BRUNO), embora o ponto preferencial de instalação industrial fosse a Rua da Constituição (Florêncio de Abreu). Talvez por causa mesmo desse acúmulo de funções, a Rua Consolação passou a ser servida pelo nosso incipiente corpo de bombeiros, ao tempo em que o sinal de incêndio era dado por badaladas da Igreja mais próxima, e para a Consolação valiam 12, até as proximidades do cemitério.

Podemos falar inclusive de uma função cultural que a rua adquiriu nos fins do século passado. O antigo Largo da Memória, no começo da Rua da Consolação, continha um conjunto de "repúblicas" de estudantes e, segundo observação de RODRIGO OTÁVIO, funcionava como "verdadeiro *Quartier Latin* paulistano". Pela mesma época, o Seminário da Glória, para meninas, foi transferido para a rua, próximo à Igreja, em terras de D.ª Veridiana Prado num edifício demolido há pouco tempo. Além disso, João KÖPKE fundou aí também a Comissão Geográfica e Geológica do Estado; entretanto, os serviços desse órgão só passaram a ter resultados regulares e sistemáticos quando a Secção de Climatologia passou a funcionar em casa do professor Alberto Löfgren, à Rua da Consolação.

A estabilização do café e seus fabulosos lucros fizeram com que, cada vez mais, a função residencial fosse se afastando do trecho inicial da rua para galgar a ladeira em direção ao topo do Espigão Central, onde fôra inaugurada a Avenida Paulista, em 1890. Os primeiros suntuosos casarões do café apareceram na Rua da Consolação, em terras de antigas chácaras. Só mais tarde, com a regularização do serviço de bondes na Avenida Paulista, é que novo surto de construções do gênero aí se iniciou.

O afastamento da função residencial do trecho próximo ao Centro foi causado pelo ritmo crescente da concentração industrial e comercial. As habitações coletivas desenvolveram-se também a custa disso, além do que se refere ao crescimento da população. Segundo pesquisa de OSCAR E. DE ARAUJO, a residência coletiva prolifera mais nos bairros do Bom Retiro, Bela Vista, Mooca, Pari, Brás e Consolação, onde velhos sobrados, com porões habitáveis, facilitam o processo. Hoje, a presença frequente da habitação coletiva é traço característico de certos trechos da rua.

Importante se torna notar que o crescimento e evolução da Rua da Consolação, concomitante com outras artérias que lhe são complementares (como as avenidas Paulista, Rebouças, Doutor Arnaldo e Ipiranga), trouxeram não poucas alterações de caráter funcional. A Avenida Paulista, cortando a rua no topo do Espigão Central, acarretou, com sua influência fortemente residencial, uma divisão que trouxe como consequência o caráter menos diversificado nas funções da rua, dessa parte em diante. Nota-se, por isso, maior tendência residencial, que sobrepuja de muito as outras funções no trecho compreendido entre a Avenida Paulista e a Rua Estados Unidos.

Por outro lado, enquanto a Avenida Doutor Arnaldo desvia uma parte do tráfego da Consolação para o rumo do Sumaré, a Avenida Rebouças captura a função de caminho para o interior (Itu e Sorocaba, particularmente), a partir do topo do Espigão. A própria abertura da Avenida Ipiranga e da Praça Roosevelt modificaram paisagística e funcionalmente a rua, naquele trecho. Enquanto a Avenida Ipiranga contribui localmente para a deteriorização, o aparecimento da Praça Roosevelt, com a supressão da antiga Rua Olinda, provoca hoje uma urbanização do tipo moderno, vertical, que modifica a fisionomia da Consolação, nêsse ponto.

Dessa forma, no século atual, a Rua da Consolação não fez mais do que ampliar e consolidar a série de funções adquiridos nas três últimas décadas do século passado. As novas funções que apareceram posteriormente, só podem ser encaradas como subsidiá-

rias daquelas principais, completando um quadro com acentuada tendência para vida própria, bairristica e independente.

A Rua da Consolação nos meados do século XX: análise funcional. — No decurso dos seus quase quatro quilômetros (3 890 m), a Rua da Consolação apresenta 641 edificações, tendo, por outro lado, 10 terrenos vagos, cujas frentes somam aproximadamente 150 m. Das 641 construções, que chegam a abrigar em torno de 1 000 famílias, nada menos de 10% são edifícios de mais de dois andares; destes, 38 têm de 5 a 20 pavimentos. Estas cifras adquirem significação especial, pois relacionam-se com a própria dinâmica da rua, bem como com sua fisionomia, quando lhes atribuímos funções, nos vários trechos em que se encontram.

Pelo menos 50% dos edifícios da Rua da Consolação são *casas antigas*, de aspecto decrépito, térreas ou sobradinhos apertados e escuros. Esse tipo é encontrado do começo ao fim da rua, embora, em certos trechos, como entre as ruas São Luís e Fernando de Albuquerque, e entre as alamêdas Santos e Tietê, predominem enormemente.

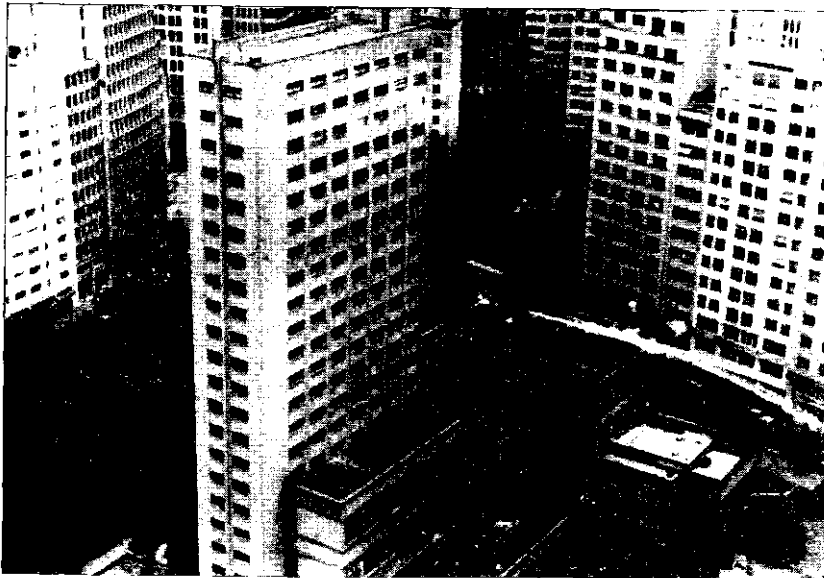
Há, entre as casas antigas, umas que, embora bastante desgastadas, apresentam um aspecto imponente e até com assomos de uma beleza outrora presente. São as antigas mansões do café, que existem principalmente entre a Rua Maria Antônia e a Avenida Paulista; construções sólidas, altas, geralmente cercadas por jardins, cujos ocupantes de hoje, salvo pouquíssimas exceções, não são membros das tradicionais famílias que as construíram, além de possuírem, atualmente, funções diferentes das de outrora.

Das *construções recentes*, merecem destaque especial dois tipos: o primeiro, constituído pelos prédios de 5 ou mais andares, que, não tendo propriamente área de predominância em número, para determinado trecho, adensam-se mais no primeiro quarteirão da rua, exatamente aquêle que é contíguo ao Centro; em segundo lugar, temos as residências finas, quase sempre com mais de 10 m de frente, que predominam nos quatro últimos quarteirões da rua. Estas últimas são construções do tipo existente no Jardim América, geralmente ajardinadas, sempre com entrada para autos, térrea ou assobradadas, que abrigam ricas famílias daquela zona. A contiguidade com os bairros residenciais finos, por sua vez, explica esse fato.

Finalmente, um outro tipo de construção é o que se caracteriza por ter entre 2 e 5 andares, podendo ser antigos ou recentes, não tendo, entretanto, área de predominância em especial.



Foro n.º 1 — O asfalto e o contraste chocante da arquitetura caracterizam, além da movimentação e funções, o primeiro trecho da Rua da Consolação, estreitamente ligada ao Centro da cidade.



Foro n.º 2 — Monumento arquitetônico dos mais belos da Capital paulista, a Biblioteca Municipal é um dos importantes traços da função cultural da Rua da Consolação.

A distribuição das funções por entre essas diversas categorias de edifícios apresenta complexidade sempre crescente, à medida que procuramos buscar suas causas. Sem dúvida, a função de *moradia* está sempre presente em todos os prédios da rua; entretanto, apresentamos a fazer uma distinção entre a habitação familiar e a coletiva. Em princípio, a *residência familiar* ocupa a casa toda de frente a fundo e se exerce em casas térreas ou assobradadas, antigas ou recentes, do tipo operário, médio ou palacete. Localizá-las é tarefa árdua, pois apenas para o tipo palacete há uma certa predominância nos quatro últimos quarteirões da rua, em zona já com forte influência do Jardim América. Mas a residência familiar aparece, ainda, em todos os prédios de apartamentos, embora com uma distinção: os prédios mais próximos ao Centro, principalmente os do primeiro quarteirão da rua, só são ocupados com residências nos andares superiores ao 2.º ou ao 3.º, enquanto, em outras áreas, a função residencial toma-os quase de ponta a ponta, com exceção do primeiro pavimento. Este segundo tipo vai aparecendo quanto mais nos afastamos do Centro e apresenta uma concentração maior na área de construções novas das alamédas. Em linhas gerais, é esse o aspecto predominante para a moradia familiar.

A *habitação coletiva* tem, na Rua da Consolação, uma representação complexa, não só quanto à localização e tipo de casa, mas também quanto aos tipos humanos que aí aparecem.

A casa velha, térrea, em geral apresentando bastante fundo, é o domínio do *cortiço*: várias famílias desmembradas, pares de vida duvidosa, marginais, compõem com frequência sua população. É o ambiente em que o mesmo varal têm a secar a roupa de várias famílias e onde, por falta de espaço, as "cosinhas" funcionam no quintal, em que fumegam constantemente fogões à carvão, enchendo o ambiente com os odores de tempêros diversos. Esse cortiço é igualmente o "habitat" de desajustados sociais, ninho de "punguistas", com predomínio do mulato e do preto sobre uma população de "vigaristas" brancos e operários de salário mínimo. Daí saem, para as incertezas da vida fácil, as mulatinhas componentes das "escolas de samba", aparecendo ainda as domésticas, as lavadeiras e as costureiras de gente pobre da redondeza.

Vários trechos da Consolação contam com adensamentos, às vezes impressionantes, desses cortiços: boa parte dos quarteirões da Rua São Luís à Rua Araújo é assim. Outro aglomerado denso fica entre as ruas Rego Freitas e Maria Antônia. E, ainda uma vez, o cortiço se faz presente na rampa que vai da Rua Maria Antônia à Rua Piauí e, finalmente, em vários pontos dos três primeiros quarteirões, depois da Avenida Paulista.

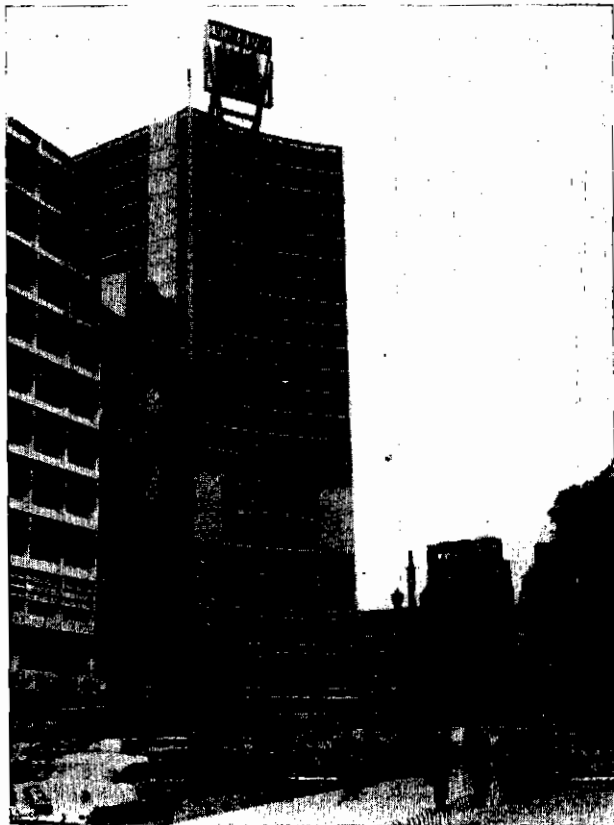


Foto n.º 3 — O majestoso edifício do "O Estado de São Paulo", embora não esteja exatamente na Rua da Consolação, tem presença pelo menos na fisionomia da "Rampa da Biblioteca".



Foto n.º 4 — "Rampa da Biblioteca", notando-se os grandes e antigos casarões, hoje transformados em casas de comércio ou pensões, que caracterizam essa área deteriorada.

Outro tipo de habitação coletiva é a *pensão*. Também localizada em casas antigas, muitas vèzes de mau aspecto, assobradadas ou com tipo de construção comum. Não raro, o edifício que as abriga é o antigo casarão do fazendeiro de café, hoje despojado de sua antiga grandeza e seriamente deteriorado. São prédios vendidos pelas famílias originais a emprêsas imobiliárias, que aguardam momento propício ou valorização e condições para a construção de prédios de apartamentos.

Duas são as categorias dos pensionistas que, em muitos casos, se mesclam, dando um terceiro tipo de população. Em um caso são comerciários que procuram, assim, um lugar próximo ao Centro, onde trabalham: são homens e mulheres em promiscuidade, que, não raro, vivem também na companhia de "mariposas" de vida fácil. Outras vèzes, a pensão é só de estudantes, que vêm do interior de São Paulo e de outros Estados, constituindo-se então a "república". Aparece, ainda, em certas áreas o tipo misto, abrigando comerciários e estudantes, completando assim o quadro dessa categoria.

As pensões ocupam espaços adensados, principalmente no trecho que vai da Rua São Luís até a Avenida Paulista, tornando-se raras daí por diante. Destaca-se principalmente uma área, exatamente a que se estende da Rua Maria Antônia até a Rua Sergipe, domínio compacto e impressionante de pensões, que abriga as diversas categorias mencionadas.

Ocorre, uma vez por outra, sem área definida de predominância, um tipo de habitação que não pode ser enquadrado nem na categoria das coletivas, nem na familiar: é o representado pela residência familiar que aluga um quarto de frente, nos fundos ou nos baixos. Existe, talvez, em função de uma deficiência econômica da família, ou por sobra de espaço nos cômodos de algumas habitações.

Finalmente, um outro tipo de habitação coletiva, que se apresenta com exclusividade, ao que aparece, nos três primeiros quarteirões da rua, é o dos prédios de apartamento, que, neste ou naquele andar, apresenta recintos ocupados coletivamente por população feminina com fins inconfessáveis. É este mais um matiz que completa o quadro das habitações coletivas na Rua da Consolação.

De forma geral, *estabelecimentos comerciais* de diversas categorias, bem como os *industriais*, ocupam os pavimentos térreos de casas ou prédios de apartamentos, muito embora raramente ultrapassando as sobrejojas ou o 1.º andar.

Quase todas as categorias do *comércio varejista* estão representadas na Rua da Consolação: empórios e mercearias, bares e açougues, quitandas, supermercados, "magazins", casas de ferragens e



Foto n.º 5 — O cruzamento da Rua da Consolação com a Avenida Ipiranga, um dos trechos mais movimentados da rua, dominado pela Igreja de Nossa Senhora da Consolação.



Foto n.º 6 — É notável o efeito funcional da especialização comercial em certos trechos, como acontece no "Patamar dos Judeus", com seu comércio de moveis.

eletricidade, estabelecimentos de material de construção e sanitários, casas de instrumentos musicais, comércio de discos e músicas, enfim toda a espécie de atividade comercial que caracteriza uma grande rua metropolitana.

Difícil se torna agrupar em espaços determinados essas diversas categorias; uma ou outra, entretanto, demonstra preferência por determinadas áreas. Os *bares*, por exemplo, abundantes em toda rua, encontram especial concentração nos 3 primeiros quarteirões, mais próximos ao Centro, e nos dois que precedem a Avenida Paulista. Além da Avenida, sua ausência é mais notável, principalmente depois da Alameda Itu. O comércio de *móveis* também encontra área preferencial no quarteirão entre as ruas Amaral Gurgel e Maria Antônia, onde é exercido principalmente por judeus; há aí grande concentração, com 7 casas, uma seguida a outra e, em frente a estas, mais 3. Um total de dez casas, num espaço de 200 m.!

A presença do *cemitério* motiva o aparecimento de atividades subsidiárias, como comércio de flôres e as marmorias construtoras de túmulos, ambas aparecendo nos quarteirões fronteiriços à necrópole.

Atividade importante de caráter comercial, que se desenvolve periódica e sistematicamente na Rua da Consolação são as *feiras-livres*. No momento (1957), realiza-se às quartas-feiras e aos sábados em torno da Igreja, na Praça Roosevelt, e, às terças-feiras, como prolongamento das que se realizam na Rua Haddock Lobo, aparecendo na confluência com Matias Aires e Antônio Carlos. Nesses dias, a atividade comercial e de transporte torna-se intensa, fazendo afluir, para aqueles locais, milhares de pessoas das adjacências.

A *indústria* conta com estabelecimentos também na Rua da Consolação, destacando-se três delas pela sua importância: a das balanças Filizola, no 1.º quarteirão da rua; a fábrica de capas para automóveis General, situada à frente da fábrica de Luvas Portolano, ambas na segunda quadra da rua. No mais, são pequenas indústrias ou "ateliers" de confecções várias, marcenarias e serralherias, além de oficinas de concertos, em geral de automóveis. Junto a estas últimas ou em suas proximidades, encontram-se postos de gasolina. As indústrias não têm, propriamente, uma distribuição espacial por especialidade. Em conjunto, podemos dizer que sua atividade é mais notória no vasto trecho que vai do começo da rua até próximo à Avenida Paulista.

Das *profissões liberais*, encontram-se representantes principalmente de 3 categorias: médicos, dentistas e contadores. Entretanto, não são em grande número e aparecem principalmente até o primeiro quarteirão, que antecede a Avenida Paulista.



Foto n.º 7 — Aspecto ainda de especialização comercial é o que vemos no final da "Rampa do Cemitério", com seu considerável número de casas de automóveis e acessórios.



Foto n.º 8 — A presença do Cemitério acha-se bem marcada por atividades subsidiárias, como as que vemos representadas pelas marmorarias e floriculturas.

Os *divertimentos* acham-se razoavelmente difundidos pela Rua da Consolação. Em pequeno espaço, há 3 cinemas: "Trianon", "Ritz" e "Rio", situados entre a Avenida Paulista e a Fernando de Albuquerque. Existem dois cabarés, o "Luar", quase na esquina do Viaduto, e o "Solar d'Alegria", quase na esquina da rua Araújo. Uma boate, a "Cave", aparece também próximo ao "Solar d'Alegria". Além disso, logo depois da Rua Maria Antônia, na zona dos cinemas aparece um restaurante dansante, na esquina com Avenida Paulista, o "Je Reviens".

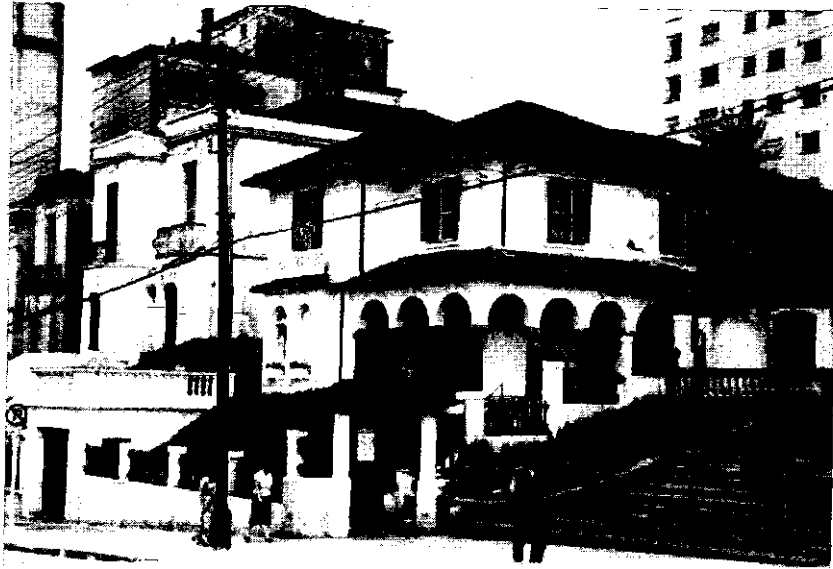
A *função cultural* é representada pela Biblioteca Municipal, primeiro edifício da rua, por um instituto de língua inglesa (poucos metros depois da Rua Maria Antônia) e pelo Grupo Escolar São Paulo, na esquina da Rua Antônia de Queirós. Além disso, a rua é ponto de passagem obrigatória de milhares de estudantes que se dirigem para as transversais da Rua da Consolação, onde aparecem importantes estabelecimentos de ensino, como: o Colégio Rio Branco (na Rua Doutor Vila Nova), tendo em frente a Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas; a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na Rua Maria Antônia, tendo em frente o Colégio e a Universidade Mackenzie; e a Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", na Rua Marquês de Paranaguá.

Além disso, possui ainda a Rua da Consolação um centro médico oficial, especializado em doenças do pulmão, um hospital particular (São Jorge), um lactário, assistência e parque infantil, e um hospital para cães, no fim da rua.

A *função religiosa* é representada pela única Igreja — a Matriz da Consolação e por um estabelecimento de irmãs de caridade, que se dedicam à assistência social, próximo ao "Mapps", no segundo quarteirão da rua.

Ritmo de vida de uma rua da Metrópole. — Tôda essa intensa atividade subordina-se a um ritmo, desigual nas diferentes partes da rua, cuja harmonia e tons diversos são marcados pelas possibilidades de movimento que cada trecho oferece.

Elemento marcante dentro da movimentação da Rua da Consolação, e que nos dá desde logo uma fonte de diferenciação, é o *transporte coletivo*. Tal atividade separa a rua em dois trechos: o primeiro, da Rua Xavier de Toledo à Avenida Paulista, largamente servido por êsse benefício; o segundo, da Avenida Paulista até o fim da rua, em que há completa ausência do transporte coletivo, o que obriga a massa residente a se deslocar para a Avenida Rebouças, de um lado, e a Rua Augusta, de outro, afim de servir-se.



Foro n.º 9 — Casarões da "Rampa da Rua Maria Antônia", hoje transformados em pensões, o que contribui para a deterioração do trecho. A direita, escadaria da Caixa d'Água, cuja presença é acusada desde os anos do século XIX.



Foro n.º 10 — Os cruzamentos da Rua da Consolação são, em horas de grande movimento, a dor de cabeça dos condutores de veículos. O bonde pode ser responsabilizado, em parte, pelo atravancamento, que se vê neste cruzamento com a Rua Maceió.

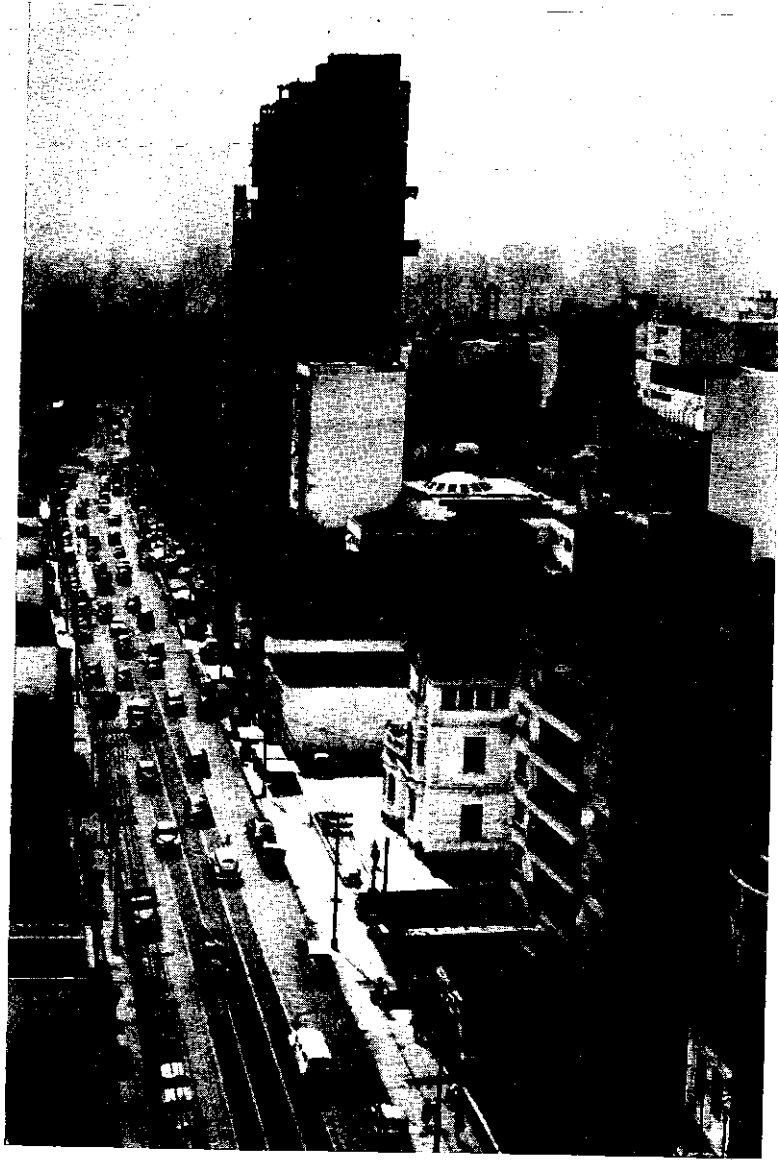
Delineada essa discrepância inicial, constatamos a importância fundamental exercida pela presença do transporte coletivo, que modifica a paisagem da rua com sua presença e impõe uma movimentação variável nas diferentes partes do dia.

No trecho em que o transporte coletivo é ausente, o ambiente diário é de quase completa calma. Zona residencial, de preferência, só é atingida por uma agitação maior nas horas próximas às refeições principais, quando os que trabalham fora saem ou chegam em suas casas. Pela tarde, há quase que uma inércia, apenas quebrada, neste ou naquele trecho, por uma alguma aglomeração de crianças, que brinca sob a sombra oferecida pelo túnel verde de árvores que enfeitam a rua. Não mais, um ou outro caminhão de entrega que aparece para servir as poucas casas comerciais e bares existentes. O ritmo aí é quase sonolento durante o dia e, mais ainda, nas primeiras horas da noite.

Impossível quase determinar o grau de diferença de movimento existente entre essa parte, fundamentalmente residencial, e a que cobre o trecho compreendido entre a Avenida Paulista e a Rua Xavier de Toledo. Neste último, tudo é diferente, a ponto de ser possível distinguir-se duas áreas distintas, dentro do próprio trecho. Uma primeira é constituída pelo quarteirão inicial, que vai até a Rua São Luís; e a segunda, daí até a Avenida Paulista.

A circulação existente entre a Avenida Paulista e a Rua Xavier de Toledo é de grande volume e intensidade. São bondes, ônibus, automóveis particulares, "lotações" e taxis, veículos de abastecimento do comércio e caminhões, que demandam a rota do interior, via Avenida Rebouças.

No âmbito do transporte coletivo municipal, várias linhas de bondes cobrem o trecho: "Pinheiros", "Avenida Doutor Arnaldo", "Vila Madalena", "Vila Buarque", "Avenida Angélica", "Vila Mariana", "Lapa", promovem a ligação do bairro e da rua, com outros bairros e com o Centro da cidade. A maioria dessas linhas funciona as 24 horas do dia, sendo que o movimento depois da meia-noite se faz de hora em hora. Por intermédio desse transporte, circula a população do bairro e de outros, em sua faina diária; o acúmulo desses bondes nos cruzamentos mais movimentados traz desagradáveis horas de espera e ocasiona problemas aparentemente insolúveis, no tráfego. Ainda no âmbito do transporte coletivo, temos a linha de ônibus "Sumaré", que funciona apenas a partir da Rua Maria Antônia para o Centro, no que concerne à Consolação. Por outro lado, no cruzamento com a Rua São Luís, passam várias linhas de ônibus, algumas de elétricos, conduzindo a destinos diversos: "Estações", "Jardim Europa" e "Jardim Paulista", "Irradia-



Foro n.º 11 — Magnífica visão do "Patamar do Cinema", tendo, ao fundo, o final da "Rampa do Cemitério". Ai podem ser observados vários elementos característicos dessa zona de transição: o grande movimento, as funções residencial e comercial sobrepostas, o contraste arquitetônico. Notem-se, na calçada à direita, algumas barracas de feira, que estravazaram das ruas Antônio Carlos e Matias Aires.

ção”, “Jardim da Glória”, contribuindo, ainda mais, para o avançamento do tráfego naquele cruzamento.

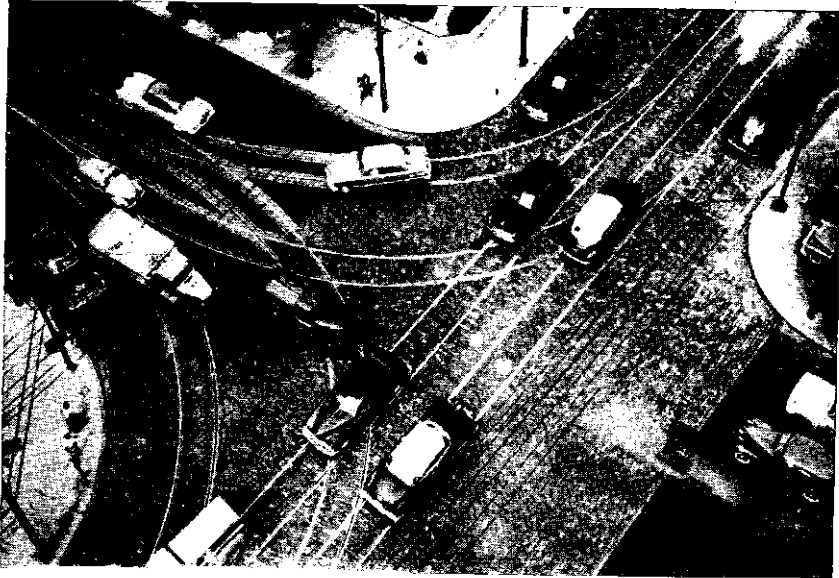
O quarteirão inicial da rua, com vida mais ligada ao Centro, tem a movimentação diária que condiz com essa situação. De dia, é a faina comercial que empolga e agita o ambiente, com um passar constante de pedestres, que enchem as calçadas, sempre apressados. É n'a massa heterogênea, que não permite distinção, a não ser o contingente de estudantes que se dirige para a Biblioteca Municipal, ou toma seu lanche nos bares próximos. À noite, com o fechamento das casas e escritórios comerciais, o trecho cai num quase silêncio, apenas quebrado pelo ranger dos bondes contra os trilhos, a afluência de pedestres diminui de 80%, pelo menos, alimentados apenas pela circulação de estudantes em busca da Biblioteca. A madrugada chega e encontra, como única atividade, o movimento de marginais — homens ou mulheres — em tórno do cabaré, situado quase na confluência com o Viaduto Major Quedinho.

O movimento entre a Rua São Luís e a Avenida Paulista não é menor nem menos intenso.

A circulação maciça de veículos, das mais variadas espécies, é secundada pela de pedestres, comerciários, industriários e estudantes, que enchem com sua atividade a vida da rua. Para isso, contribuí a variedade comercial e industrial das casas aí montadas, bem como a presença de escolas, nas transversais da rua, entre a Rua Antônia de Queiroz e a Avenida Ipiranga, que promove uma circulação de estudantes, que se prolonga até depois das 22 horas.

O setor dos divertimentos, como, por exemplo, o dos cinemas, contribuí também com uma parcela de movimentação. Isso se dá diariamente, mas principalmente aos domingos, sábados e vésperas de feriados. Nessa ocasião, os cines “Rio”, “Ritz” e “Trianon” servem em menor porcentagem a população do próprio bairro. A maioria é constituída por gente, de um certo nível social, que aparece com seus reluzentes automóveis, dando uma especial movimentação à rua.

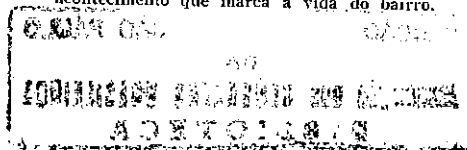
À noite, quer nos parecer, é êsse o trecho mais movimentado. O fato se dá por predominarem aí características mistas: há a deteriorização, sem deixar de existir a função residencial. Os cinemas promovem uma movimentação familiar, por assim dizer, até as 22 horas. A partir dêsse momento, pela madrugada, dois polos principais funcionam: uma representado pelo último quarteirão, que confina com a Avenida Paulista, e outro pelos que vão da Rua São Luís à Rua Maria Antônia. No primeiro caso, a movimentação é causada pela presença de um bar dansante bem na esquina com a Avenida Paulista, fazendo-se em tórno a ronda dos marginais,



Foro n.º 12 — Final do "Patamar do Cinema", no alto do Espigão da Avenida Paulista, onde se cruzam o asfalto aristocrático desta, com o paralelepípedo plebeu da Rua da Consolação.



Foro n.º 13 — Sábado, dia de feira em torno da Igreja da Consolação, importante acontecimento que marca a vida do bairro.



de certa forma tradicional naquelas redondezas. No segundo caso, a área é influenciada pela presença de cortiços, de onde saem malandros e mulheres de vida fácil, que passam a atuar nas redondezas, bem como pela presença de vários bares que ficam abertos a noite toda.

Esses fatos todos ocasionam uma certa vida noturna para essa parte da rua, que chega a ser surpreendente em certas ocasiões, ocasionando, não raro, visitas pouco amistosas da polícia no local. Esses são os aspectos que poderíamos registrar nas 24 horas na vida dessa velha e típica artéria de São Paulo.

Considerações finais e conclusões. — Pelo caráter de suas funções, pela maneira como se faz a circulação, pelas próprias condições fisionômicas que apresenta, não podemos considerar a Rua da Consolação como um todo homogêneo, igual, acomodado. Se assim procedêssemos, negariamos o próprio ritmo, a essência e a própria dinâmica da rua.

Tudo nos leva a dividir a Consolação em 3 partes, que se distinguem muito bem uma da outra: 1.^a A Consolação Centro; 2.^a A Consolação Transição; 3.^a A Consolação Residencial.

1. *A Consolação Centro*

O próprio designativo que lhe demos já caracteriza mais que qualquer outro argumento esse trecho de rua. Realmente, aí, no pequeno trecho que vai da Rua Xavier de Toledo à Rua São Luís, a rua possui quase todas as atividades que caracterizam as ruas centrais da cidade. A porcentagem menor cabe à função residencial, enquanto todas as atividades são completamente estranhas às ruas comuns de bairros: muito movimento, na maior parte do dia, grande diversificação funcional, pequena função residencial, arranhacaus, bares, estabelecimentos e escritórios comerciais, atividades culturais e profissões liberais. Tudo leva a crer que esse trecho não seja mais do que mero prolongamento da Rua Xavier de Toledo ou, seja, do próprio Centro da Cidade.

2. *A Consolação Transição*

É este fisionômica e funcionalmente o trecho mais interessante da rua toda. É preciso dividi-lo em dois setores distintos. O primeiro, que vai da Rua São Luís até a Rua Maria Antônia, tenta conservar, pela sua movimentação, atividade e funções, certas características do primeiro trecho; entretanto, marcados na fisionomia, estampados na fachada da maioria das casas estão os traços que o tempo e o desgaste proporcionam. A rua aí é velha, como se fôra mate-





Foto n.º 14 — Aspecto provinciano do casario modesto da "Rampa do Cemitério", cujas empresas construtoras proprietárias esperam que o plano municipal de alargamento da via seja posto em prática, para iniciar a derrubada valorizadora.



Foto n.º 15 — É bem outro o aspecto das residências do tipo médio, já na parte predominantemente residencial da Rua da Consolação.

rialmente degredada, representando, por assim dizer, a zona deteriorada da Consolação. Como sempre, a deterioração é proveniente da invasão de certas funções estranhas, predominantemente comerciais, em uma área outrora residencial por excelência. É o que acontece, por exemplo, com a invasão do comércio, dos divertimentos, da pequena indústria e dos "ateliers", retirando-se as famílias e a função residencial, a qual é substituída pela habitação coletiva, numa epidemia de pensões e cortiços. O segundo trecho da área de transição começa na Rua Maria Antônia e vai até Avenida Paulista. A rampa, que se estende até a confluência com a Rua Piauí, ainda se ressentida da presença da habitação coletiva. Aí, pensões e cortiços aparecem ao lado do pequeno comércio. Da Rua Piauí em diante, aparece mais flagrantemente a função residencial, agora com maior número de habitações familiares, porém sem o desaparecimento completo do comércio varejista. É o trecho mais interessante pelas características de comodidade que oferece aos habitantes da transversais próximas. Sem possuir os inconvenientes marcantes da zona deteriorada, temos aí um pequeno comércio diversificado, onde o morador da redondeza encontra tudo: açougue, quintandas, mercearias, padarias, serralherias, modas, móveis, sapateiros, garagens e peças para autos, bares e o divertimento proporcionado por três cinemas ("Ritz", "Rio" e "Trianon"), além de dois restaurantes dançantes de boa categoria.

3. *Consolação Residencial*

Esta área que vai da Avenida Paulista até a Rua Estados Unidos, ocupa aproximadamente 1,5 km. Aí o comércio se restringe ao mínimo, de quando em quando um bar, a mercearia, uma casa de móveis de ferro. No mais, residências.

Como fizemos sentir linhas atrás, enquanto na parte final da rua (os 3 últimos quarteirões pelo menos), temos a predominância de residências finas, de larga testada, com entrada de autos, denotando forte influência do tipo de casas do Jardim América, nos outros quarteirões as casas são do tipo médio e muitas vezes até de aparência modesta. De qualquer forma há aí o domínio da residência familiar, raramente aparecendo uma pensão ou um cortiço. A ausência de um comércio varejista e das linhas de transporte coletivo dão-lhe aquele aspecto característico e sossegado de uma rua típica de bairro totalmente afastado do bulício enervante do Centro. Esse característico mais se acentua pela ausência de grande movimento de pedestres e pela arborização intensa, cujo desenvolvimento chega a formar um túnel verde, por onde com dificuldade passam os



Foto n.º 16 — O túnel verde característico do trecho essencialmente residencial, que apresenta grande diversificação de construções desse tipo.



Foto n.º 17 — Gozando dos benefícios do sombreamento, eis o exemplo de arquitetura residencial do fim da Rua da Consolação, já com forte influência do Jardim América.

raios de Sol, e sob o qual as crianças podem brincar sem os perigos de um tráfego intenso.

Grande como é, em todos os aspectos, não poderíamos deixar de vaticinar para a Rua da Consolação um desenvolvimento ainda maior do que já apresenta. Esse desenvolvimento, segundo as tendências atuais, parece que irá se fazer verticalmente, em duas áreas principais. Uma primeira área seria a mais nova da rua, como expressão urbana, a área atravessada pelas alamêdas. Ali nota-se a tendência para a verticalidade no número já acentuado de prédios de apartamentos, novos e requintados do tipo residencial. Há espaços vagos para isso, há construções já em adiantado estado, e as casas velhas, que vão ficando de permeio, só esperam acomodações do mercado imobiliário que permitam suas explorações em maior número.

Uma segunda área, que muito provavelmente terá também a evolução vertical e em breve tempo, é a que vai da Rua São Luís à Rua Maria Antônia. Aí também já há prédios cujos andaimes ericam suas pontas, ao mesmo tempo que espaços vagos, como os que existem em frente à Praça Roosevelt, em ambas se esquinas da Avenida Ipiranga, aguardam uma boa oportunidade para se converterem em arranha-céus. Além disso, vendas de casas em bloco, como acontece entre as ruas Rego Freitas e Amaral Gurgel, prenunciam novas derrubadas. A grande diferença, em relação ao aludido primeiro trecho, é que aí os prédios provavelmente terão, nos baixos e primeiros andares, outras funções que não a residencial.

De qualquer forma, a grande rua tem prenúncio de alterações progressistas, mesmo antes de se concretizarem as que acima foram previstas, pois os vários prédios atualmente em construção, entre a Rua Xavier de Toledo e a Avenida Paulista, são obrigados a um recuo para alargamento da rua. Ao se completar o alargamento dessa velha artéria em seus primeiros e principais trechos, ela ganhará aquele aspecto monumental e mais definitivo já experimentado por outras vias paulistanas.

Bibliografia

- AB'SABER, Aziz Nacib: *Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo* (inédito) 1953.
- BRUNO, Ernani da Silva: *História e tradições da Cidade de São Paulo*, 1954.
- CANABRAVA, A. P.: *Chácaras paulistanas — Anais da A. G. B.*, vol. IV, tomo I, São Paulo, 1953.

- D'ALINCOURT, L.: *Memória sôbre a viagem do Pôrto de Santos à Cidade de Cuiabá* — São Paulo, 1953.
- DEFFONTAINES, P.: *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo* — In "Geografia", n.ºs 1 e 2, São Paulo, 1935.
- FREITAS, Afonso: *Tradições e reminiscências paulistanas*, 1952.
- LEINZ e CARVALHO: *Contribuição à Geologia da Bacia de São Paulo* — In Boletim 205 da F. F. C. L. da U. S. P. — 1957.
- MOURA, Paulo Cursino de: *São Paulo de Outrora. Evocações da Metrópole*. S. P., 1943.
- MONBEIG, Pierre: *La Croissance de la Ville de São Paulo*. S. P., 1943
- MONBEIG, P.: *Os problemas da divisão regional do Estado de São Paulo* — In "Aspectos geográficos da Terra Bandeirante", C. N. G., Rio de Janeiro, 1954.
- PRADO JR., Caio: *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo*. S. P., 1952.
- ROSSI, Bruna: *Estudo da Rua da Consolação* (inédito).
- SAINT-HILAIRE, Auguste: *Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Saint Catherine*. Paris, 1851.
- SANT'ANNA, Nuno: *São Paulo histórico: aspectos, lendas e costumes*.
- SOUSA, E. V. Pereira de: *A Paulicéia há sessenta anos*. In Revista do Arquivo Municipal. 1946 — Vol. CXI, ano XIII.
- TAUNAY, Affonso de E: *História da Cidade de São Paulo*. S. P. 1953.
- TAUNAY, Affonso de E: *São Paulo nos primeiros anos*. S. P. 1945.